



Housing First e a COVID-19

Ajudar a pensar o futuro, para as pessoas em situação de sem abrigo

Nesta fase de pandemia mundial por COVID-19 e de elaboração de planos de contingência, para dar resposta às pessoas em situação de sem abrigo, o Programa Casas Primeiro da AEIPS – Associação para o Estudo e Integração Psicossocial, redefiniu a sua própria estratégia de intervenção, considerando para tal, as linhas orientadoras da Organização Mundial de Saúde, Direcção Geral da Saúde, entre outras entidades, devidamente reconhecidas, pela intervenção desenvolvida com públicos em situação de maior vulnerabilidade.

Em primeiro plano, a equipa estruturou a sua intervenção diária, de forma a intervir junto do seu grupo de 50 inquilinos(as), mantendo os seus acompanhamentos, através de visitas domiciliárias, ou por contacto telefónico, disponível 24 horas.

Neste sentido, foram accionadas duas equipas distintas, a funcionar em semanas alternadas, adoptando medidas preventivas ao contágio por COVID-19, quando colocadas em contacto com os/as inquilinos(as), (uso de máscaras, luvas e gel desinfectante), visto que, os(as) profissionais, se encontram expostos a alguns factores externos, tais como, o manuseamento de dinheiros, entrada e saída de transportes públicos, deslocações a farmácias, supermercados, entre outros, sempre, com o dever de protecção máxima para si e para os outros.

A estratégia apresentada anteriormente, requer uma intervenção disciplinada e metódica, para que os/as inquilinos(as),

possam manter-se nas suas habitações individualizadas e assim, restringir o contacto social ao estritamente necessário nesta fase gritante de contágio, minimizando a sensação de isolamento, mantendo o enfoque, no sentimento de pertença às suas habitações.

Para que cada inquilino(a) pudesse dar continuidade ao seu Plano Individual de Intervenção, foi essencial que a intervenção, fosse alicerçada em princípios como a segurança, estabilidade e conforto de cada habitação, tendo ao seu dispor, um conjunto de recursos, desbloqueados colaborativamente em tempo real pela equipa, tais como, produtos alimentares, medicação, acesso directo aos seus médicos, liquidez financeira para bens de primeira necessidade, produtos de higiene e limpeza e também estratégias para ocupar o tempo livre, entre outras.

No final da primeira semana de intervenção de recolhimento domiciliário, podemos inferir, que os/as inquilinos(as), se sentem mais seguros, tranquilos e protegidos nas suas casas individuais, tendo como garantindo, o acesso imediato a bens de primeira necessidade, visto que, as suas habitações se inserem em contextos ecológicos da comunidade, repletos de recursos diversos e alavancados no suporte de uma equipa técnica, com um extraordinário dever de missão a cumprir.

A proximidade estratégica de uma equipa ecológica e humana, procurou de forma colaborativa, flexível e atenta, dar resposta a dúvidas, incertezas e inquietações individuais que, se traduziram em certezas esclarecidas e fundamentadas, mesmo nas situações que, exigiram o recurso à comunicação alternativa (ex. explicação a participante surda-muda, através de imagens ilustradas, quais os comportamentos a adoptar face ao recolhimento domiciliário).

Estes momentos também servem para estruturar a habitação noutras dimensões: conforto, decoração e melhoramentos, a operacionalizar futuramente.

Os/as inquilinos(as) depararam-se com consultas de variadas especialidades suspensas, porém esse acompanhamento foi assegurado de outra forma, como por exemplo, consultas efectuadas telefonicamente, assim como, o respectivo receituário médico enviado por email.

O presente enquadramento, não nos limitou na intervenção, prestada aos 50 inquilinos(as) do Programa Casas Primeiro, também nos permitiu expandir e disponibilizar de imediato outras casas, individualizadas e dispersas na comunidade, como uma estratégia de intervenção activa de saúde pública, não deixando ninguém para trás.

Estas casas, encontram-se devidamente estruturadas e preparadas tecnicamente, para assegurar a resposta urgente a pessoas que estão a viver na rua, e que pretendem integrar o Programa Casas Primeiro, reduzindo assim, o número de pessoas a viver na rua e expostas ao vírus, dado que, a aglomeração de pessoas e sobrelotação, dos Centros de Acolhimento, representam uma grande preocupação e em

simultâneo, um foco de elevada disseminação da COVID-19.

Outra proposta alternativa, com base na linha orientadora anterior, visaria enquadrar o alojamento local da cidade de Lisboa, disponível, como resposta individualizada, às pessoas que estão presentemente em situação de sem abrigo, que estejam disponíveis para aceitar esta resposta.

Esta reflexão pretende equacionar e redimensionar o futuro, utilizando assim o contexto vivenciado, como uma forte oportunidade de operacionalizar a mudança, colocando na agenda de todos os decisores políticos, comunidade científica e intervenores do sector comunitário, a implementação de alternativas habitacionais individualizadas, para as pessoas em situação de sem abrigo, de forma humanizadora, hoje e sempre.

Por todas as razões expostas anteriormente, a título de conclusão, podemos inferir que as respostas Housing First, com princípios assentes na individualização, dispersão, permanências e com uma equipa de profissionais comunitários, devidamente habilitados, são aquelas que, melhor respondem às necessidades das pessoas em situação de sem abrigo no mundo, permitindo-lhes mesmo em situação de calamidade pública, a melhoria da qualidade de vida, traduzidos pela segurança, alimentação, descanso, saúde mental e geral. Para além de que o custo/inquilino(a) dia, é significativamente mais baixo, quando comparado com outras respostas, que têm de ser criadas e reconvertidas de emergência, para situações vivenciadas como as de hoje pelo mundo.

